

Ética e filosofia de vida em Timão e Pumba: cinismo, epicurismo e estoicismo

Heraldo Aparecido Silva

Resumo: O artigo analisa alguns aspectos da história em quadrinhos *Timão e Pumba* a partir de elementos da filosofia pop. Inicialmente, descrevemos os personagens e sua suposta concepção de filosofia de vida. Posteriormente, apresentamos as linhas gerais das principais teorias éticas nas perspectivas filosóficas que servem de suporte analítico. A fundamentação teórica baseia-se em Palmer (2001), McLaughlin (2005), Goodenough (2005), Marcondes (2007), Cortina e Martinez (2010), dentre outros. Finalmente, sustentamos que alguns elementos das doutrinas éticas do cinismo, epicurismo e estoicismo são evidenciados nas insólitas aventuras do suricate Timão e do javali Pumba.

Palavras-chave: Quadrinhos. Filosofia Pop. Ética. Desenho Animado. Filme.

Ethics and philosophy of live in Timon and Pumbaa: cynism, epicurism and stoicism

Abstract: The article analyzes some aspects of the *Timon and Pumbaa* comics, based on elements of the pop philosophy. Initially, we describe the

Heraldo Aparecido Silva é Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Professor Associado da Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Núcleo de Estudos em Filosofia da Educação e Pragmatismo (NEFEP).
heraldokf@yahoo.com.br

characters and their supposed conception of philosophy of life. Posteriorly, we present the main lines of the main ethical theories in the philosophical perspectives that serve as analytical support. The theoretical basis is based on Palmer (2001), McLaughlin (2005), Goodenough (2005), Marcondes (2007), Cortina and Martinez (2010), among others. Finally, we argue that some elements of the ethical doctrines of cynicism, epicurism and stoicism are evidenced in the unusual adventures of the meerkate Timon and the warthog Pumbaa.

Keywords: Comics. Pop Philosophy. Ethics. Animated Series. Film.

Introdução

H*akuna Matata* é uma filosofia de vida expressa num lema, uma expressão coloquial que é quase um mantra e que apregoa etimologicamente a não existência dos problemas (na tradução do dialeto suaíle para o inglês, temos: *hakuna* = *no*; *matata* = *trouble*; isto é, sem problemas ou não há problemas). O suaíle (*swahili*) é o idioma oficial da Tanzânia, Quênia, Uganda e também é praticado por uma considerável parcela da população de outros países da região da África Oriental. Essa expressão coloquial do referido dialeto africano ganhou notoriedade mundial a partir da divulgação promovida pelos personagens Timão e Pumba que, no filme infantil *O Rei Leão*, entoaram *Hakuna Matata* de forma musicada.

Da forma como interpretamos a atitude sapiencial de Timão e Pumba, *Hakuna Matata* pode ser perspectivada alternativamente, como uma filosofia da ação que nos ajuda a dimensionar adequada-



Figura 1 – Pumba e Timão (Walt Disney).

mente os problemas, circunstâncias e acontecimentos, equacionando-os com os demais elementos e fatores de nossas vidas.

A filosofia *Hakuna Matata* descrita no conselho sapiencial “Os seus problemas você deve esquecer, isso é viver, é aprender... Hakuna Matata” é personificada nos singulares e improváveis amigos Timon (suricate) e Pumba (javalí). Como já foi mencionado, ambos são oriundos de outra animação da Disney, *O Rei Leão* (1994), onde eram alegres personagens secundários. Assim como já acontecera anteriormente com outras figuras clássicas dos desenhos animados (como Popeye em 1929; Pato Donald, em 1938; Pica-Pau em 1940; dentre outros), as peripécias dos coadjuvantes obscureceram os personagens principais (a família de leões Simba, Nala e Kiara que protagonizou uma trilogia de filmes, mas não uma série) de tal maneira que conquistaram sua própria *animated series*, para viver suas aventuras e desventuras.

A série animada da dupla Timão e Pumba (*The Lion King's Timon and Pumbaa*, EUA, 1995-1999), surgiu em decorrência do sucesso de sua cômica participação no longa metragem *O Rei Leão*. O suricate Timão e o Javali Pumba fizeram tanto sucesso no referido filme que sua verve humorística rendeu a eles uma carreira solo numa série animada (PEREIRA, 2010). No total foram produzidos 85 episódios divididos em 05 (cinco) temporadas: 13 episódios na primeira temporada em 1995; 12 episódios na segunda temporada em 1995; 13 episódios na terceira temporada em 1996; 08 episódios na quarta temporada em 1996; e 39 episódios na quinta e última temporada em 1999 (IMDB, 2015). Além de permanecer nas duas continuações fílmicas, a dupla também aparece na versão de livro e musical.

A presença de Timão e Pumba nas histórias em quadrinhos é relativamente pouco conhecida. A série intitulada “*The Lion King's Timon and Pumbaa Comics*”, foi publicada na revista *Disney Comic Hits!*, com o selo editorial da Marvel Comics, nos EUA. Nessa ocasião, centraremos nosso estudo na história “*Once upon a Timon*”, dividida em duas partes, ambas publicadas na mesma edição em novembro de 1996. A HQ foi escrita por Kayte Kuch e Sheryl Scarborough, desenhada por Cosme Quartieri e arte-finalizada por Horacio Ottolini, num total de 22 (vinte e duas) páginas.

A despeito das peculiaridades distintivas entre as produções cinematográficas, as animações seriadas e a arte sequencial, transpomos e ampliamos o escopo argumentativo de Goodenough (2005), quando este sugere que sob a perspectiva filosófica os filmes podem ser agrupados em três categorias: a) filmes que ilustram teorias filosóficas; b) filmes sobre filosofia; e filmes que são filosofia). Também é possível

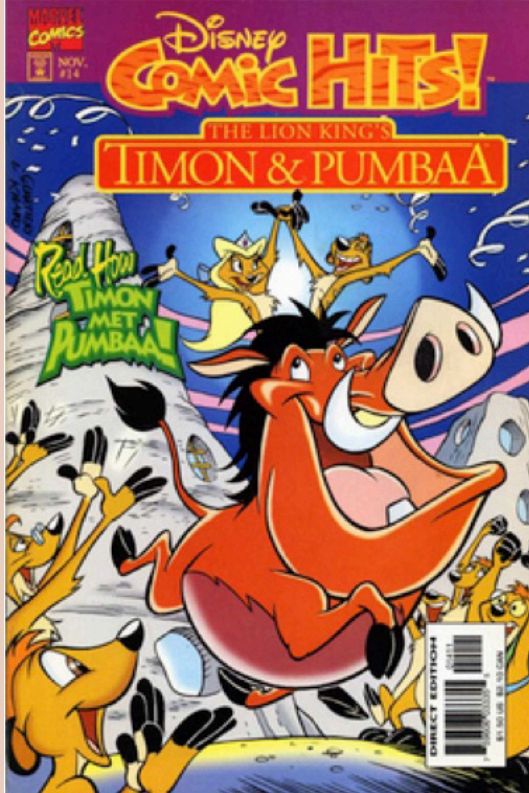


Figura 2 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics).

trabalhar algumas passagens imagéticas a partir do enfoque filosófico de Palmer (2001) que sustenta que nos textos ilustrados por caricaturas e *cartoons*, convergem o humor pictórico e a leitura crítica.

Delimitamos a abordagem da saga de Timão e Pumba ao escopo da narrativa gráfica como uma forma de arte que ilustra teorias filosóficas, a saber, algumas das principais teorias éticas, articuladas com alguns temas vivenciados pela dupla. De modo geral, essa também é a abordagem usada por McLaughlin (2005) para discutir, explorar e complicar questões filosóficas a partir das histórias em quadrinhos e vice-versa.

Na sequência, faremos uma rápida descrição das linhas gerais das principais teorias éticas, com ênfase nas doutrinas cínica, epicurista e estoica para, em seguida, articular alguns aspectos das mesmas com aquilo que consideramos ser a filosofia de vida de Timão e Pumba.

Teorias éticas teleológicas e deontológicas

A ética ou filosofia moral é a área de investigação filosófica que trata de questões, temas e doutrinas acerca daquilo que é considerado correto, incorreto ou não aplicável no comportamento normativo de indivíduos ou grupos: em outras palavras, o que considerado moral, imoral ou amoral no contexto dos costumes de uma determinada comunidade. A palavra ética deriva do termo grego *ethos*, que significa caráter ou modo de vida habitual. O significado da palavra moral, originariamente, está ligado aos costumes (do latim, *mores*) e práticas culturais dos povos. Segundo Blackburn (1997, p. 129), a “ética é o estudo dos conceitos envolvidos no raciocínio prático: o bem, a ação, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha”.

Em linhas gerais, a investigação filosófica em torno de questões relacionadas aos tópicos mencionados acima, resultou na elaboração de teorias éticas distintas:

Se quiséssemos reunir todas as classificações que foram produzidas ao longo da história da filosofia moral teríamos de nos referir às éticas descritivas e normativas, de motivos e de fins, de bens e de fins, materiais e formais, autônomas e heterônomas, de bens e de valores, deontológicas e teleológicas, da intenção

e da responsabilidade, cognitivistas e não-cognitivistas, naturalistas e não-naturalistas, individualistas e universalistas, monológicas e dialógicas, de máximos e de mínimos – mesmo assim com certeza não teríamos abarcado todo o campo (COR-TINA; MARTINEZ, 2010, p.104).

Embora não seja consensual, dentre as classificações mencionadas, as principais teorias éticas podem ser divididas em dois tipos: a ética teleológica e a ética deontológica. Como é possível perceber pelo significado dos prefixos gregos das duas teorias éticas, cada uma delas privilegia um conceito central. Enquanto a ética teleológica prioriza o conceito de finalidade (do grego *telos*), a ética deontológica prioriza o conceito de dever (do grego *deon*).

Assim, a teoria ética teleológica estabelece que o caráter moral (bem ou mal) de uma ação deve ser definido em função do fim ou objetivo último, cuja consecução é visada mediante a ação em curso. Essa teoria ética se subdivide em duas vertentes, a ética consequencialista e a ética das virtudes, ambas consideradas éticas finalistas porque estipulam que todas as decisões, escolhas e ações humanas servem para atingir uma meta.

Na ética consequencialista, o foco do estudo está nos efeitos ou consequências das ações morais dos indivíduos (para si mesmo e para outras pessoas) e seu principal representante é o utilitarismo, doutrina formulada pelos filósofos ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1876). De acordo com o princípio de utilidade utilitarista, usado como critério para determinar o valor moral de uma ação, seria considerado bom o ato que aumenta os

benefícios (tipos diversos de felicidade) e reduz o sofrimento (tipos diversos de infelicidade) para o maior número possível de pessoas, de modo que seria possível calcular relativamente as probabilidades das consequências de cada ação a partir desse parâmetro.

Por sua vez, a ética das virtudes que tem como seu principal representante o filósofo grego Aristóteles (384-322), enfatiza o caráter imanente da virtude humana e que a meta das ações humanas é o bem, sendo que a meta suprema da existência humana é a vida boa ou vida feliz (*eudaimonia*). Para realizar esse objetivo, os seres humanos devem cultivar e aprimorar através do hábito suas virtudes intelectuais e suas virtudes e éticas até obterem a excelência de caráter ou virtude moral (*areté*), de modo que possam alcançar um bem, isto é, realizar essa felicidade numa sociedade harmônica e justa. A ressalva é que somente pessoas desequilibradas como os loucos e os ébrios realizam ações destituídas de propósito (finalidade). Com exceção desses casos, todas as demais pessoas agem em busca de um bem, sendo que o bem máximo é a felicidade. Para Aristóteles, o conceito de felicidade não pode ser confundido com prazer, honrarias e riqueza porque estes são apenas meios (para a obtenção de prazeres, para a satisfação de necessidades ou para o contentamento de vaidades) e não fins em si mesmos.

Por sua vez, a teoria ética deontológica está fundamentada no conceito de dever, concebido como algo que deve obrigatoriamente ser praticado de forma racional e de modo independente. O dever deve ser praticado justamente por ser uma obrigação moral, isto é, não se trata de uma ação condicionada pela motivação oriunda de alguma virtude e tampouco de uma ação que visa uma meta ou con-

sequência específica. Assim, a virtude e a consequência não são levadas em consideração, mas somente o dever.

Um dos princípios fundamentais do racionalismo kantiano é a noção de imperativo categórico, isto é, a ideia de que existe uma obrigação moral (independente dos temperamentos, inclinações afetivas e psicológicas, desejos e outras preferências individuais) que deve ser praticada pelo sujeito da ação moral e que deve ser passível de universalização para ser considerada válida. Conforme esse princípio, somente é considerada como ação moral aquela que puder ser universalizada. Nesse sentido, as ações morais universais, expressas através de máximas (regras morais), servirão de norte e também como parâmetro avaliativo para as ações individualizadas. Assim, por exemplo, mentir não pode ser considerado um dever (uma ação moral universalizada) porque embora alguns indivíduos possam obter benefícios pessoais através dessa prática, a institucionalização da mentira inviabilizaria a existência de toda e qualquer sociedade (o próprio mentiroso não gostaria que mentissem para ele). Inversamente, cumprir aquilo que prometemos (e tudo que decorre dessa promessa como a franqueza, a honestidade e a veracidade) é uma prática passível de universalização porque todos desejam racionalmente que no âmbito das relações humanas e sociais, acordos sejam firmados e cumpridos, desde as transações mais simples entre indivíduos até as mais complexas entre corporações empresariais, comunidades e nações.

De volta ao âmbito da filosofia grega antiga, destacamos três importantes teorias éticas teleológicas expressas pelos movimentos cínico, epicurista e estoico.

Cinismo

O movimento cínico tem sua origem atribuída aos filósofos Antístenes (445-360 a.C.) e Diógenes de Sinope (400-325 a.C.). A origem do nome cinismo está associada ao termo grego *Kyon* = cachorro. Conforme Braham (2007), a filosofia cínica pode ter sido alcunhada dessa forma em virtude de duas possibilidades: devido ao fato de que o ginásio onde Antístenes costumava abordar as pessoas para dialogar era chamado de cinosarges; e também em decorrência da forma anedótica e pejorativa que os contemporâneos de Antístenes e Diógenes usavam para descrever o comportamento habitual dos filósofos cínicos, isto é, como similar ao dos cães que são leais aos amigos e avançam contra os inimigos. Goulet-Cazé e Braham (2007) sustentam que a maior plausibilidade reside nessa segunda linha interpretativa, já que estabelece um paralelo com o modo de vida dos cães e o *modus operandi* dos cínicos: ambos os grupos são livres, sinceros, objetivos, despudorados, indiferentes às convenções sociais, autossuficientes e bastante resistentes às intempéries, fadigas e privações.

O exemplo mais notório da atitude cínica é personificada pela astúcia retórica do próprio Diógenes, “o filósofo da contingência, da vida no barril, da adaptação aos fatos da existência” (BRAHAM, 2007, p.103). A franqueza (*parrhésia*) e humor (*khymós*) cínicos são caracterizados na seguinte seleção de ditos:

Enquanto em certa ocasião o filósofo tomava sol no Cranêion, Alexandre, o Grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: “Pe-

de-me o que quiseres!” Diógenes respondeu: “Deixa-me o meu sol!”. [...]. Platão definira um homem como um bípede, sem asas, e recebeu aplausos; Diógenes deitou um galo e o levou ao local das aulas, exclamando: “Eis o homem de Platão!”. [...]. A alguém que lhe perguntou quando devia almoçar, sua resposta foi: “Se fores rico, quando quiseres; se fores pobre, quando puderes.” [...]. Em outra ocasião Perdicas ameaçou-o de morte se não fosse à sua presença. Diógenes respondeu: “Não há nada de extraordinário nessa ameaça, pois até um escaravelho ou uma tarântula poderia matar-me”. [...] Quando alguém o reprovoou por seu exílio sua resposta foi: “Mas o dediquei à filosofia por causa disso, infeliz!” Dizendo outra pessoa que o povo de Sinope o condenara ao exílio, Diógenes replicou: “E eu o condenei a permanecer onde estava”. (LAËRTIOS, 1988, p. 161-164).

Para Laêrtios (1988), em vez de repudiar a comparação com os cães, os filósofos cínicos apreciaram a mesma e adotaram a descrição de cão puro e simples para ilustrar a sua nova atitude filosófica. Segundo Reale (1994), o cinismo usa o comportamento canino como parâmetro para a vida filosófica porque acredita que tudo aquilo que é determinado pelas normas sociais é supérfluo e, portanto, condiciona o corpo e escraviza o espírito. A alternativa cínica implicaria em viver sem as metas impostas pela sociedade (moradia, conforto, posses, títulos etc.) e, em contrapartida, instituir o cultivo da liberdade como o princípio e a meta do seu sistema de vida.

Epicurismo

O epicurismo, por sua vez, expressa uma filosofia prática de base hedonista cujo principal ensinamento ético consiste na crença de que a felicidade é equivalente ao desfrute moderado dos prazeres naturais e a eliminação da dor física e do sofrimento psíquico, já que a alma não estaria separada da carne (HADOT, 2004). Seu fundador, Epicuro de Samos (341-270 a.C.) recusava o hedonismo puro e simples, por considerar que a busca do prazer (do grego *hedoné*) como um fim em si mesmo encerra uma concepção ingênua de felicidade. Para ele, a busca e a satisfação dos prazeres sensíveis deveria ser refreada pela temperança e moderação a fim de evitar o aviltamento das consequências do excesso.

Quando dizemos, então, que o prazer é fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma (EPICURO, 1973, p. 25).

Assim, a felicidade (*eudaimonia*) seria obtida somente pela tranquilidade ou imperturbabilidade (*ataraxia*), isto é, mediante a prática de uma vida virtuosa, austera e moderada que, valendo-se da inteligência prática (*phronesis*) não tentaria inutilmente suprimir os prazeres e desejos que são expressões da natureza humana (MARCONDES, 2010). Sobre esse aspecto, os epicuristas também susten-

tavam que os deuses não teriam o menor interesse pelas questões e aflições humanas e por isso mesmo, não interferem nas coisas do mundo e tampouco nas ações da humanidade.

Nessa jornada pela busca do prazer, a sabedoria e a felicidade estariam fundadas no entendimento reflexivo, pois em vez de meramente procurar a saciedade como fazem os pervertidos, os epicuristas buscam primeiro o reconhecimento e a distinção dos tipos de desejos que os acometem. Assim, diante do acometimento desejante, Epicuro sustenta que devemos identificar se nosso estado atual é resultado de desejos naturais e necessários, de desejos naturais e desnecessários ou de desejos vazios, que são inúteis porque não são nem naturais e nem necessários (HADOT, 2004). O conhecimento racional acerca da natureza e função dos desejos é preciso porque enquanto alguns estão vinculados à saúde do corpo, outros se relacionam à serenidade da alma, pois esse é o objetivo da vida feliz: não sofrer dor física e nem pesar.

Estoicismo

A origem etimológica da escola estoica está associada ao local em que originalmente seus fundadores ensinavam. Nessa analogia, a tradição filosófica do estoicismo foi iniciada pelo filósofo Zenão de Cício (c.334-262 a.C.) que ministrava suas aulas num pórtico aberto ao público (*stoá poikile*, em grego), no mercado de Atenas. Conforme registrado na história da filosofia, Zenão estudou com Crates que, por sua vez, havia sido discípulo do cínico Diógenes. Para Bhérier (2012) e Reale (1994), essa vinculação explica o fato de que tan-

to o cinismo quanto o estoicismo podem ser descritos como formas de filosofia concebidas e praticadas como arte de viver. Posteriormente, a influência do estoicismo se expande e alcança até o período do Império Romano (séc. II d.C.), sendo seus principais expoentes Sêneca (4 a.C.-55 d.C.), Epiteto (50-125 d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.).

Conforme Marcondes (2010), na tradição estoica a felicidade consistia na tranquilidade (*ataraxia*) obtida através do autocontrole, da contenção e da austeridade, em plena aceitação dos acontecimentos. Para os estoicos o ser humano é parte do universo e, como tal, participa da ordem natural das coisas como um microcosmo dentro de um macrocosmo, de tal forma que suas ações devem estar em harmonia com o cosmo. Desse modo, uma ação moralmente boa é uma ação em conformidade com a natureza, caracterizada no estoicismo de modo fatalista, visto que eles sustentam a existência da noção de destino (*heimarmené*) ao qual o ser humano deve se resignar, visto que a ocorrência dos acontecimentos está sempre além de suas possibilidades, seja para compreender ou para mudar o curso dos eventos. A esse respeito, o filósofo e imperador romano declara:

Todo acontecimento ocorre de maneira que tua natureza ou o suporte ou não. Se te acontece o que a tua natureza suporta, não te rebeles; suporta-o como a tua natureza pode. Se acontecer o que a tua natureza não suporta, não te rebeles, porque tanto mais cedo te há de exaurir. Lembra-te, porém, de que tua natureza suporta tudo que tua opinião depende tornar suportável e tolerável, bastando imaginares que é de tua conveniência ou de teu dever fazê-lo (MARCO AURÉLIO, 1973, p. 316).

A aceitação estoica dos acontecimentos não implica em ausência de ação: ele aceita a inevitabilidade da ocorrência dos eventos como parte da racionalidade do real e age em conformidade com o sentido atribuído ao fato consumado. É nessa acepção que Epiteto afirma que não podemos mudar a ordem das coisas, mas somente nossas opiniões sobre elas, porque a razão humana está fundamentada na natureza concebida como Razão universal (HADOT, 2010). Isso porque os estoicos acreditam que o destino guia aqueles que o aceitam e arrastam aqueles que se revoltam contra ele. A respeito disso, Sêneca aconselha que não devemos nos obstinar contra as circunstâncias para não incorrer no erro de sermos escravizados pelas resoluções tomadas, visto que a todo momento, a fortuna nos arranca de onde tentamos inutilmente nos fixar: “Estes dois excessos são funestos à tranquilidade da alma: recusar-se a toda alteração e nada suportar” (SÊNECA, 1973, p. 220).

Para os estoicos quatro virtudes deveriam ser cultivadas: a sabedoria, a temperança, a fortaleza e a justiça (REALE, 1994). Nessa perspectiva, o estoicismo também sustenta que nossas ações devem ser precedidas pela distinção das coisas que dependem de nós (domínio da moral) e das que não dependem de nós (domínio do indiferente).

A única coisa dependente de nós é, com efeito, nossa intenção moral, o sentido que atribuímos aos acontecimentos. O que não depende de nós corresponde ao encadeamento necessário de causas e efeitos, isto é, ao destino, ao curso da natureza, às ações dos outros homens. São assim, indiferentes a vida e a morte, a saúde e a doença, o prazer e o sofrimento, a beleza e a

fealdade, a força e a fraqueza, a riqueza e a pobreza, a nobreza e o vulgo, as carreiras políticas, porque tudo isso não depende de nós. Tudo isso deve, em princípio, nos ser indiferente, isto é, não devemos introduzir aí diferenças, mas aceitar o que acontece pelo destino (HADOT, 2010, p. 195-196).

Essa aceitação das coisas que acontecem, quando e do jeito que nos acometem implica na apatia (*apatheia*), que consiste na atitude de não estabelecer diferenças entre as coisas determinadas pelo destino. Enquanto Epiteto designa essa atitude de querer o que acontece e amar igualmente todas as coisas como requisito fundamental para ser feliz, Marco Aurélio aconselha que para chegarmos a essa atitude sábia, devemos nos exercitar espiritualmente para não atribuir em nossos discursos juízos sobre os eventos baseados em nossas paixões, convenções sociais e preconceitos, mas tão-somente constatar a realidade tal como ela é (HADOT, 2010).

Dentre esses exercícios espirituais que deveriam ser praticados diariamente, estava a prática da atenção (*prosokhé*), que consistia numa constante e renovada atenção a si mesmo ao instante atual, como assevera Marco Aurélio (1973, p. 309): “Concede a ti mesmo este momento presente”. Ao enfatizar exclusivamente aquilo com a qual temos momentaneamente a possibilidade de lidar, essa admoestação previne contra os males causados pela percepção que insiste em se voltar para um passado inalcançável ou para um futuro sempre incógnito.

A anômala filosofia de vida de Timão e Pumba

A primeira coisa a ser considerada na relação entre Timão e Pumba se refere ao fato de ambos serem párias. A despeito da malícia do suricate e da ingenuidade do javali, ambos foram exilados de suas comunidades originais. Enquanto Timão teve sair de sua tribo devido a problemas obscuros relacionados a certo grau de egoísmo e talvez corrupção, Pumba simplesmente foi banido devido ao seu odor natural que, às vezes, é exacerbado pelas erupções estomacais e intensa flatulência.



Figura 3 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics, 1996, p.17).

Todavia, o que nos interessa aqui é principalmente o encontro amistoso de ambos, quando eles decidem ficar sozinhos juntos. O contato inicial de Timão e Pumba, tanto nos quadrinhos quanto no filme, é marcado por um hedonismo puro e simples: eles se fartam num banquete de insetos crocantes e suculentos. Essa constante avidez dos personagens diante de inusitadas refeições faz com que outras características passem despercebidas. Isso porque, sob muitos aspectos, podemos encontrar momentos em que eles alternam concepções cínicas, epicuristas e estoicas.

A própria origem de Timão encerra uma peculiar semelhança com a atitude de *desfigurar a moeda*, do cínico Diógenes. Essa proposta de cunho moral significa, principalmente, que o indivíduo não deve se submeter passivamente ao que é consensualmente definido para, em contrapartida, violar os costumes. Na versão dos quadrinhos, o jovem suricate foi retratado como um relapso guardião do seu reino. Ele desfigurou a moeda quando priorizou seus interesses pessoais em detrimento do bem estar da coletividade. Na história, por considerar a inexistência de perigos imediatos ele sai de seu posto de vigilância para cortejar a princesa. E para que seu ato não seja caracterizado como deserção, ele monta um guardião de vassoura de palha, burlando as regras instituídas convencionalmente para fazer o que considera correto. Na sua desventura, ele é descoberto e como pena recebe o banimento.

Outro momento cínico emblemático do cinismo de Timão está na aventura retratada no filme, quando ele dá o seguinte conselho ao jovem Simba: “Quando o mundo vira as costas para você, você vira as costas para o mundo”. Já Pumba pode ser considerado um cínico

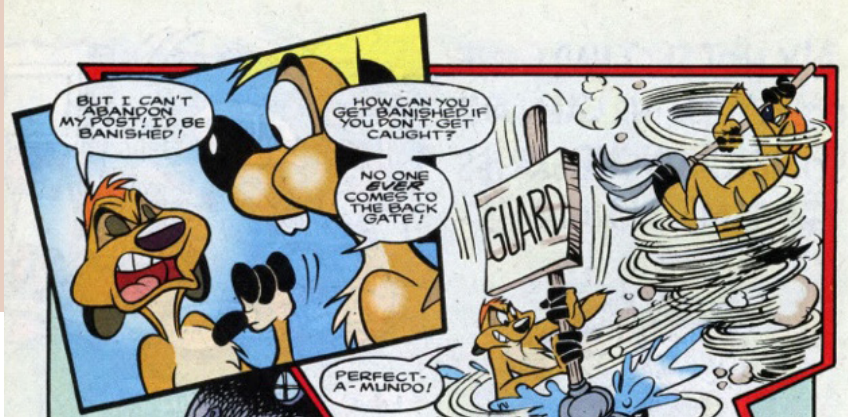


Figura 4 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics, 1996, p.5).

relutante, pois na maioria das vezes, acaba simplesmente por seguir as orientações de Timão.

No que se refere ao epicurismo, por incrível que pareça, é a concepção filosófica mais difícil de regularidade por parte da dupla, pois embora ambos busquem a felicidade, sinonimizada no ato de desfrutar os prazeres da vida, tal atitude é sempre obscurecida em algum momento pelo hedonismo irrefletido. Exemplo disso, nas palavras de Pumba para Simba e Timão, está na importância de descansar depois de um longo dia sem fazer nada (como pode ser visto no terceiro filme da trilogia do Rei Leão). Também merece destaque suas atitudes glutônicas quando vão muito além da saciedade quando estão diante de refeições fartas. Ou seja, eles tentam satisfazer seus prazeres sensoriais, mas em algum momento, sempre exageram no ato de dormir e comer, o que faz com que transitem da razoável atitude epicurista para a simples e irrefletida atitude hedonista.

Já em relação ao estoicismo, surpreendentemente, essa é a marca distintiva da dupla de amigos, quando aprendemos a ver além da cômica reprodução comunsensista. No filme, Timão dá uma dura lição

ao jovem leão órfão quando faz ao mesmo a seguinte admoestação: “Olha aqui, coisas ruins acontecem e ninguém pode fazer nada para evitar, certo?”. Essa confrontação com a aspereza da realidade é peculiar da atitude estoica e evita ilusões que tendem a paralisar nossas ações. Já nos quadrinhos, quando Timão e a princesa suricate estão prestes a ser devorados por uma gigantesca serpente azul, Pumba usa de astúcia e coragem para enfrentá-la e salvar ambos. Com exceção dele, ninguém mais sabia do perigo pelo qual passavam os suricates. E entre fugir e enfrentar um adversário ameaçadoramente letal, Pumba estoicamente decide fazer o que é certo e nobre, ainda que tal atitude colocasse em risco sua própria vida.

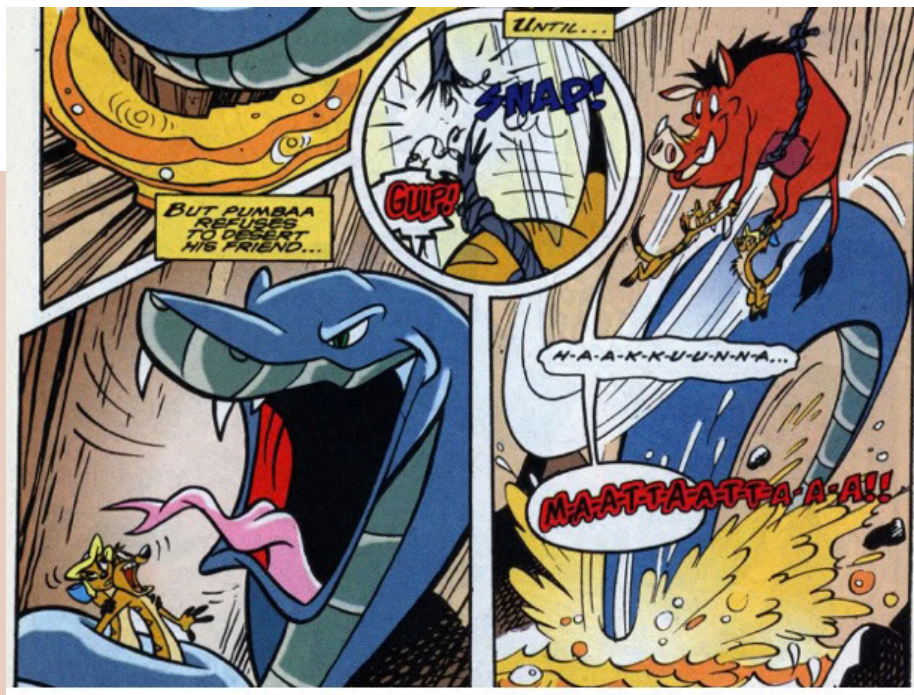


Figura 5 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics, 1996, p.19).

Como retribuição, Timão abdica de seu retorno ao convívio com os de sua espécie (e também de tesouros e do casamento com a princesa suricate) para ficar com o amigo Pumba na selva.

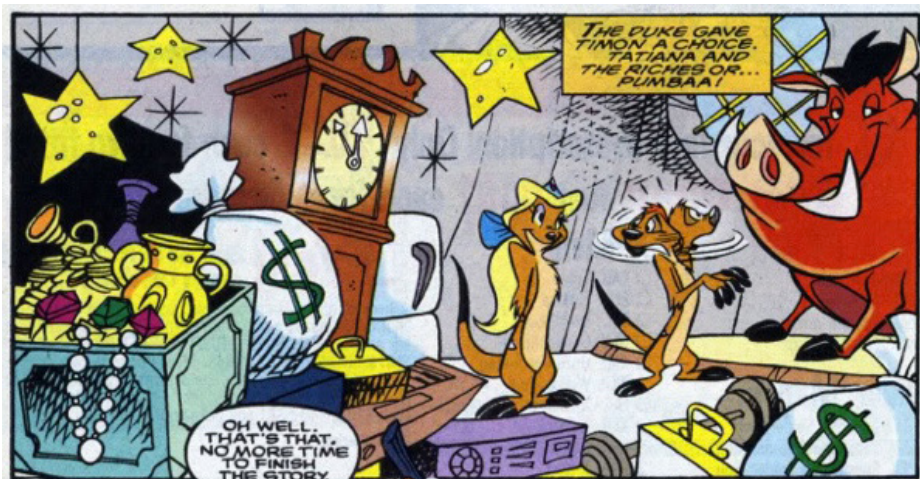


Figura 6 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics, 1996, p.21).

Na última página dos quadrinhos Timão enfatiza que a filosofia da vida deles deveria ser não se preocupar com nada. Em contrapartida, Pumba afirma que tal filosofia de vida deve ser chamada de *Hakuna Matata* (e que relataria a origem desse nome ao amigo em outra oportunidade).



Figura 7 – Pumba e Timão (Disney/Marvel Comics, 1996, p.22).

Considerações Finais

O aspecto mais emblemático da relação entre Timão e Pumba reside na sua amizade, visto que nela encontramos um relativo equilíbrio dos norteamericanos filosóficos epicurista, cínico e estoico.

Em vários momentos da trilogia fílmica de “O Rei Leão”, Timão diz para Pumba (e vice-versa) que os “amigos ficam juntos até o fim”. Tal frase personifica a dinâmica da fidelidade entre os dois amigos também na seriação animada e nos quadrinhos. Nesse último, como já foi mencionado, Pumba arriscou sua vida para salvar Timão e, reciprocamente, Timão recusou riquezas e o repatriamento na comunidade de suricates em prol da companhia de Pumba.

Podemos conectar alguns aforismos filosóficos às atitudes de Timão e Pumba, cuja filosofia de vida oscila de forma anômala entre os conselhos sapienciais epicuristas, cínicos e estoicos. Assim, destacamos os seguintes pensamentos de Epicuro:

Entre todos os bens que a sabedoria proporciona para a felicidade completa da vida, o maior de todos é a conquista da amizade. [...].

Não temos tanta necessidade da ajuda dos amigos quanto da confiança de sua ajuda. [...].

Não sofre mais o sábio por ser submetido à outra do que ver um amigo ser torturado, e por ele está disposto a morrer; pois, se trair o amigo, toda a sua vida será perturbada e subvertida pela sua infidelidade. [...].

O homem de bem se dedica à amizade e à filosofia; das quais aquela é um bem mortal, esta imortal (BALDINI, 2000, p. 71-72).

Por sua vez, Sêneca, recomenda que até o sábio, mesmo estando satisfeito consigo mesmo, deve buscar exercitar a amizade, já que a mesma é considerada uma virtude importante. Diferentemente do que acontece com o sábio, cuja alma está tranquila e ainda assim busca fazer amizades, as pessoas que padecem do descontentamento de si mesmo, tendem a buscar fazer amizades como uma tentativa de aplacar esse mal estar acarretado por algum desequilíbrio da alma e por aspirações tímidas e infelizes (SENECA, 1973). A respeito disso, segundo o filósofo romano, é importante ter cautela acerca dessas amizades iniciadas por interesse, oportunismo ou conveniência, pois em todos esses casos, a amizade foi feita no caminho er-

rado, isto é, não virtuoso. E assim que o interesse, o oportunismo e a conveniência terminarem, a amizade também encontrará seu fim. Conforme suas palavras:

Assim são as amizades que o povo classifica conforme à oportunidade: quem foi acolhido como amigo por interesse, conseguirá ser aceito até que a sua presença for útil. Necessariamente, o começo e o fim se correspondem. Quem começou a ser amigo por conveniência, por conveniência deixará de sê-lo; ninguém vai recusar uma vantagem que seja prejudicial à amizade, se além da mesma se busca uma vantagem qualquer (BALDINI, 2000, p. 87).

Nessa perspectiva, Sêneca ainda adverte que aqueles que buscam amizades somente para eventos felizes, subtrai dessa virtude toda a sua dignidade (BALDINI, 2000).

De maneira geral, é possível vislumbrar em diversos episódios (nos filmes, quadrinhos ou nos desenhos animados) das aventuras e desventuras de Timão e Pumba, conexões com os fragmentos dos pensamentos filosóficos listados a seguir.

O filósofo cínico Diógenes raciocinava da seguinte maneira: “Tudo pertence aos deuses; os sábios são amigos dos deuses; os bens dos amigos são comuns; logo, tudo pertence aos sábios” (LAËRTIOS, 1988, p.161).

Por sua vez, o filósofo Epicuro afirmava: “De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade” (EPICURO, 1973, p.28).

Finalmente, o estoico Sêneca considerava a amizade fiel como a dádiva que mais agrada à alma porque propicia um tipo de felicidade singular: “[...] a de encontrar corações aos quais se possa sem temor confiar quaisquer segredos; consciências, que nos temem menos do que a nossa; companheiros, cuja palavra acalma nossas inquietações, cujos conselhos guiam nossas decisões, cuja alegria dissipa a nossa tristeza e cuja vista seja para nós um prazer!” (SENECA, 1973, p.214).

A proposta aqui configura um exercício de tentar conectar aspectos dos pensamentos filosóficos citados com partes das aventuras e desventuras de Timão e Pumba (em qualquer das mídias anteriormente citadas). Todavia, como isso implica em uma atividade individual mnemônica e estética depende, portanto, das lembranças, gosto e imaginação de cada um. Então, tais possibilidades conectivas ficam como sugestão de exercício de pensamento. Da nossa parte, como já realizamos tal exercício, podemos afirmar que a filosofia de vida de Timão e Pumba alternam (sim, na ficção isso é possível) momentos norteados pelo cinismo, epicurismo e estoicismo. Haku-na Matata!

Referências

- BALDINI, Massimo (Org.) *Amizade e filósofos*. Bauru-SP: EDUSC, 2000.
- BRAHAM, R. Bracht. *Desfigurar a moeda: a retórica de Diógenes e a invenção do cinismo*. In: GOULET-CAZÉ, Marie; BRANHAM, R. Bracht (Orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 95-119.

GOODENOUGH, Jerry. *A philosopher goes to the cinema*. In: READ, Rupert; GOODENOUGH, Jerry. *Film as Philosophy: Essays on the cinema after Wittgenstein and Cavell*. New York: Palgrave MacMillan, 2005. p.1-29.

GOULET-CAZÉ, Marie. *Um catálogo abrangente de filósofos cínicos conhecidos*. In: GOULET-CAZÉ, Marie; BRANHAM, R. Bracht (Orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007. p.418-443.

EPICURO. *Antologia de textos de Epicuro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 21-28.

HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 2004.

KUCH, Kayte; SCARBOROUGH, Sheryl; QUARTIERI, Cosme; OTTOLINI, Horacio. *Once upon a Timon*. In: *Disney Comic Hits!: The Lion King's Timon and Pumbaa Comics*. New York, NY: Marvel Comics, 1996.

LAÊRTIOS, Diógenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Trad. Márcio da Gama Khury. Brasília: Ed. UNB, 1988.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 271-329.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

McLAUGHLIN, Jeff. *Comics as Philosophy*. Jackson: University of Mississippi Press, 2005.

PALMER, Donald. (2001). *Looking at philosophy*. New York: McGraw-Hill, 1993.

PEREIRA, Paulo Gustavo. *Almanaque dos desenhos animados*. 2ªed. São Paulo: Matrix, 2010.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga* (Volume III). São Paulo: Loyola, 1994.

SÊNECA. L. A. *Da tranquilidade da alma*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 207-223.

THE LION KING (O Rei Leão). Direção de Roger Allers e Rob Minkoff. Produção de Don Hahn. Roteiro de Linda Woolverton, Irene Mecchi e Jonathan Roberts. Trilha sonora de Elton John e Tim Rice. Los Angeles: Warner Bros. Disney Company. 1994. (88 min), son., color. 35mm.

THE LION KING 2: Simba's Pride. (O Rei Leão 2: O Reino de Simba). Direção de Darrell Rooney e Rob LaDuca. Produção de Jeannine Roussel. Roteiro de Jonathan Cuba e Flip Kobler. Trilha sonora de Nick Glennie-Smith. Los Angeles: Warner Bros. Disney Company. 1994. (81 min), son., color. 35mm.

THE LION KING 1½. (O Rei Leão 3: Hakuna Matata) Direção de Bradely Raymond. Produção de George A. Mendoza. Roteiro de Tom Rogers, Bruce Rubin, Akiva Goldsman, John Herzfeld e Sheldon Turner. Trilha sonora de Hans Zimmer e John Powell. Los Angeles: Warner Bros. Disney Company. 2004. (88 min), son., color. 35mm.

TIMON & PUMBAA. Internet Movie Database - IMDB, 2015. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0112197/?ref_=fn_al_tt_1>. Acesso em: 22 nov. 2015.